

OS EXERCÍCIOS FÍSICOS NO TEMPO E NO ESPAÇO

Gen Jayr Jordão Ramos — Vice-Presidente da FIEP

INTRÓITO

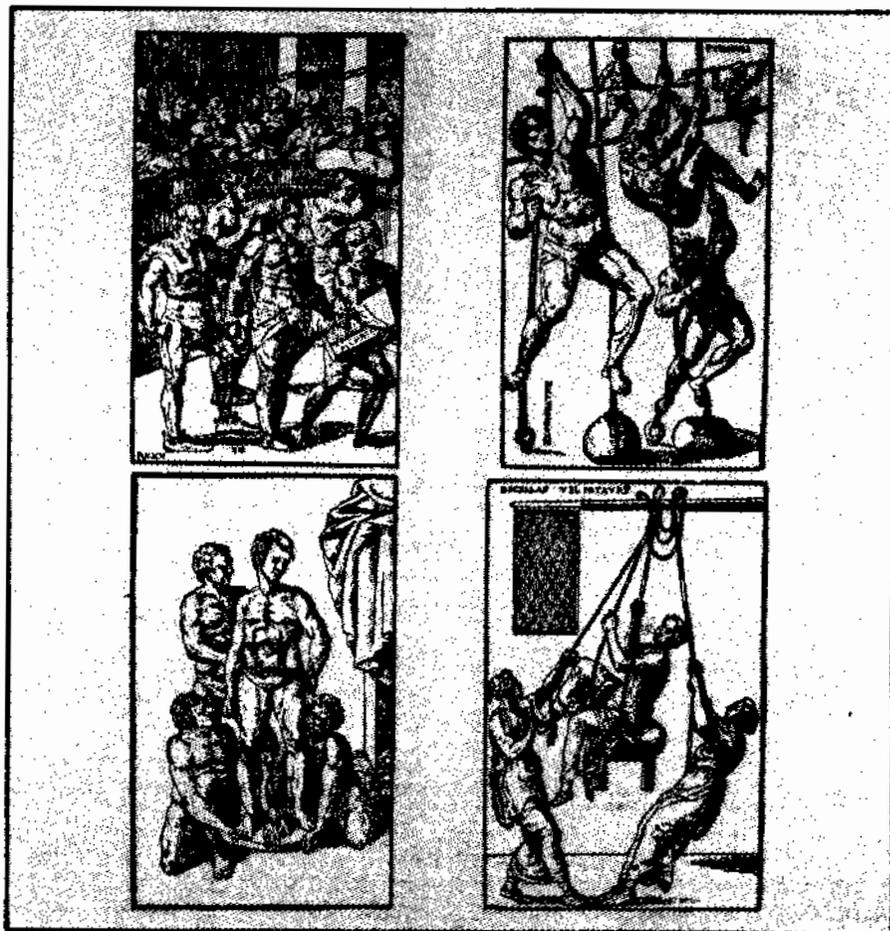
O Tempo e o Espaço estão sempre presentes no desenvolvimento da Civilização e da Cultura. Do primeiro, cogita a História. Do segundo, a Geografia.

A História dos Exercícios Físicos, segundo a nossa compreensão, é escola de Cultura e de Educação. De maneira atraente e impregnada da beleza, ensina-nos a conhecer a Humanidade, por meios de acontecimentos, coisas e pessoas, entrosando-se nos diferentes aspectos políticos, sociais e militares da História da Civilização, onde ocupa lugar definido e sugestivo. O conhecimento do passado é chave para compreensão do presente e do futuro.

Dentro da acadêmica divisão da História, acompanhando a marcha ascensional do homem, documentada sobretudo no mundo ocidental, somos levados a afirmar que a prática dos exercícios físicos vem da Pré-História, afirma-se na Antiguidade, estaciona na Idade Média, fundamenta-se na Idade Moderna e sistematiza-se nos primórdios da Idade Contemporânea. Torna-se mais desportiva e universaliza os seus conceitos nos nossos dias e dirige-se para o futuro, plena de ecletismo, moldada pelas novas condições de vida e ambiente.

Na atualidade, quando um mundo morre e outro luta para nascer, a conceituação dos exercícios físicos, nas suas vacilações, corresponde perfeitamente ao momento cultural e sociofilosófico em que vivemos. Não há um rumo definido, mas sente-se, apesar de tudo, que o trabalho físico de predominância desportiva, sem desprezar outros aspectos, orienta-se para a vida dos dias de amanhã, em que o indivíduo, preso à máquina, cada vez mais a ela se escravizará, embora surja a certeza do aumento dos tempos de lazer, por conseguinte de uma exercitação imprescindível, mas intensa e facilitada.

O exame do sentido educacional das atividades físicas terá prioridade em toda nossa exposição, portanto será dada à educação física propriamente dita, sempre que



Gravuras de Arte Ginástica de Gerolamo Mercuriale.

possível, posição de destaque. Procuraremos também acentuar, na concatenação do trabalho, a predominância dada aos exercícios, de caráter pedagógico, natural, médico, musical, psicomotriz e desportivo. Ademais, para efeito de distinção, diga-se de passagem que há uma educação sistemática, produto de adequada preparação pedagógica e planos, e outra assistemática espontânea e ocasional, cujo desenvolvimento é feito conforme as circunstâncias da vida.

O presente trabalho, resumo da evolução das atividades físicas, não será simples narração de fatos, exaltação de líderes, mostras de arte, dados pedagógicos, exame de formas de movimentos ou citação de exercícios. Dentro das nossas li-

mitações, tudo faremos para que ela apresente algo de Cultura e Educação, abrangendo conhecimento sobre épocas, povos, obras e homens. Na pesquisa realizada, as fontes consultadas foram não somente no campo da Educação Física e do Desporto de Competição, como da História da Civilização, da Educação, da Sociologia e da Arte, sem excluir, evidentemente, os demais setores de pensamento humano.

PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO DAS CIVILIZAÇÕES

Para sermos exatos, cumpre fazermos, de início, algumas referências ao largo período pré-histórico, marcado pelo aparecimento do ho-

mem e pela sua luta para sobreviver.

O homem pré-histórico, nos primórdios do seu primitivismo, tinha sua vida cotidiana assinalada, sobretudo, por duas grandes preocupações — atacar e defender-se. No dizer feliz de alguém, era mais músculo do que cérebro. Realizava-se toda sorte de exercícios naturais, praticando uma verdadeira educação física espontânea e ocasional.

Desde o começo da aventura do homem sobre a Terra, foi transmitida de geração em geração, uma série de práticas utilitárias, que, observadas e imitadas, possibilitaram-lhe, vivendo em um meio hostil, melhor apurar seus sentidos, forças e habilidades. Baseado no *savoir faire* surgiu o exercício natural, cuja aprendizagem era realizada por ensaios e erros. Em particular, numerosas foram as práticas empregadas na preparação guerreira dos jovens selvagens. As tribos impunham-se pela bravura dos seus guerreiros.

Aterrorizado por tudo que o cercava, o homem primitivo considerava a sua sobrevivência como favor dos deuses, dando à sua vida, por conseguinte, sentido ritual. De várias formas, não somente empregando a dança, manifestava o seu misticismo. Desde os tempos mais remotos, os exercícios corporais, rudimentarmente sistematizados, constituíam atos respeitosos nas grandes festividades, inclusive no culto aos mortos.

Nos tempos pré-históricos principalmente a partir do período paleolítico, existiram expressões de jogos utilitários e recreativos. Tais práticas, como as de hoje, sempre tiveram o seu próprio cerimonial e regras estabelecidas e, geralmente, tanto vencedores como vencidos aceitavam o resultado desportivamente. Vem das civilizações primitivas, diz Diem, o aforismo: "Para ganhar é preciso saber perder", forma antiquíssima do atual *fair play*.

Pelo visto, as atividades físicas das sociedades pré-históricas, dentro dos aspectos-natural, utilitário, guerreiro, ritual e recreativo objetivavam a luta pela vida, os ritos e cultos, a preparação guerreira, as ações competitivas e as práticas recreativas.

ANTIGUIDADE

Oriente e Novo Mundo

Tratando da Antiguidade, embora assentando as nossas apreciações quase exclusivamente nos fatos do mundo mediterrâneo, não podemos deixar de relatar algo relativo aos exercícios físicos no Oriente e nas mais adiantadas populações

indígenas do Novo Mundo, cujo modo de vida nos permite retirá-las do quadro pré-histórico clássico.

Não é exagero afirmar que a civilização ocidental, o seu passado escalonado no tempo, mais recebeu da oriental do que a ela deu. No campo das atividades físicas, exemplificando somente com quatro povos — o hindu, o chinês, o japonês e o persa — encontramos validade da nossa afirmação, através, respectivamente, do *loga*, do *Cong-Fou*, do Jiu-Jitsu e do Polo.

Dispondo de limitadas fontes de consulta, nos últimos anos da década 1960-1970, fizemos algumas pesquisas sobre a prática dos exercícios físicos dos povos orientais. Ficamos deslumbrados, entre outros, com os egípcios, os assírios, os babilônios, os hititas, os persas e os chineses.

A arte egípcia cheia de majestade e beleza, revela por meio de preciosos testemunhos, que a prática dos exercícios físicos, muito antes do milagre grego, ocupou importante lugar na brilhante civilização que floresceu na terra dos faraós. A luta livre, o boxe, a esgrima com bastão, disputando primazia com a natação e o remo, foram talvez, os desportos de maior aceitação. Os romanos, mais tarde, aperfeiçoaram muitos golpes egípcios e estabeleceram regras de competição, criando assim a luta greco-romana. O *catch*, forma espetacular e moderna de competição, está cheio de elementos da luta do antigo Egito.

Os povos mesopotâmicos, particularmente os assírios e babilônios pelas suas condições de vida, cheias de imprevistos e em busca constante de novas aventuras, cultivavam exageradamente a força, a agilidade e a resistência, entregando-se a variadas atividades utilitárias.

Os hititas, povo de origem incerta, destacaram-se em todos os exercícios utilitários, sendo exímios cavaleiros. Deles ficou-nos um extraordinário manual de treinamento hipico no qual o emprego do esforço e contra-esforço, lembra na comparação de Diem, o atual *Interval-Training*.

Muitas coisas poderíamos informar sobre os povos asiáticos, onde toda ciência, pensamento e ação se assentava na filosofia, na moral e na religião, nas quais o exercício físico se entrosava. Na Pérsia, Índia, China, Japão e outros povos, em contraste com a prática do mundo ocidental, excepcionalmente, as atividades físicas tinham caráter agonal, elas serviam mais como um meio ritual ou de preparação para a vida. As competições surgiram,

ocasionalmente, como ponto alto dos torneios e festividades.

Para reafirmar o que expressamos, poderemos nos apoiar no objetivo da educação física persa: "Ensinar seus filhos a montar a cavalo, atirar com o arco e dizer sempre a verdade". A formação moral constituía preocupação desse povo, sendo ensinado, desde a infância, a generosidade, a obediência e a moderação.

Completando, a filosofia da prática das atividades físicas no Oriente, ressaltamos a velha China, para nela apreciar a justeza do conceito desportivo, no Século I da nossa era, onde se ajustavam, em perfeita harmonia, parâmetros de verdadeira educação. Li-yu, poeta chinês, motivado pelo *Ts'ü Chu* futebol de antanho, assim se expressava em versos modernizados, em tradução livre:

"Redonda é a bola, quadrado, o campo,
Igual a imagem da Terra e do Céu.
A pelota passa sobre nós como a Lua,
Quando duas equipes se encontram.
Foram nomeados os capitães,
que dirigem o jogo
Segundo o imortal regulamento.
Nenhuma vantagem para os parentes,
Não há lugar para partidarismos;
em troca
Reina a decisão e o sangue frio,
Sem erro nem omissão,
E se tudo é necessário para o futebol,
Quanto mais o será na luta pela vida!"

Para não estender este trabalho, pouco diremos quanto ao Novo Mundo. Nele, com idéias próprias dos tempos históricos, vamos encontrar povos indígenas bem seguros sobre a necessidade e vantagem do exercício físico. Nem todos eram selvagens.

Além das práticas utilitárias, em todo continente pré-colombiano de civilização adiantada, podemos enumerar uma gama enorme de jogos que constituíam geralmente, objeto de culto, recreação e preparação guerreira.

Não somente no Oriente e na América pré-colombiana, mas em todo o mundo, foram encontradas atividades físicas, simultaneamente profanas e religiosas, havendo nelas muito espírito criador e originalidade.

PERÍODO CLÁSSICO DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

Para apreciarmos os exercícios

físicos no período clássico, temos que considerar, sucessivamente, Grécia e Roma. Na primeira, estudaremos Atenas e Esparta, cujos fins eram no campo educacional, respectivamente, o cidadão integral e o guerreiro. Na segunda, que não conheceu a Educação Física cujo objetivo visava a formar o guerreiro e, em seguida, a fase circense onde dominou, ao lado da decadência, a forma brutal e sangrenta da luta de gladiadores.

GRÉCIA

Na civilização ocidental, tudo de grandioso e belo tem os seus fundamentos no helenismo. O exercício físico não foge à regra. Quando dele tratamos, disse alguém, pisamos alicerces da cultura grega. A exercitação do corpo constituía meio para a formação do espírito e da moral. Platão, filósofo genial, referindo-se à ginástica, afirmava que ela unia aos cuidados do corpo o aperfeiçoamento do pensamento elevado, honesto e justo.

Para demonstrar o papel que na vida grega desempenhava a prática das atividades físicas, integrada no espírito da juventude, é suficiente meditar sobre os dois versos abaixo, nos quais um atleta lamenta-se depois de sofrer grave acidente:

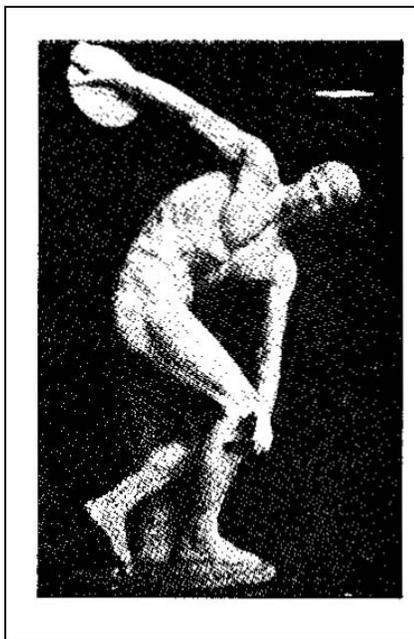
"Despeço-me do foro, estádio e ginásio, desgraçado de mim,
Eu que fui a flor do ginásio, o adorno do óleo".

O ideal da beleza humana para o Ocidente, como bem observou Diem, nasceu nos locais desportivos da Grécia, onde a prática dos exercícios físicos e as manifestações artísticas eram consideradas irmãs. Como era artista, o grego com o desporto fez arte. Grandes artistas — Miron, Praxíteles, Lisipo, Policleto, Fídias, Pitágoras, Polignato, Naucides, Apolônio e muitos outros, através de suas obras, espalhadas pelos museus do mundo, demonstram tal afirmação.

No campo dos poemas e das composições literárias foram também, admiráveis os poetas e prosadores. Entre inúmeros, a História nos aponta — Homero, Píndaro, Esquilo, Sófocles, Aristófanos, Eurípedes, Simônides e Baquilides.

Homero na ação de divulgar feitos desportivos, pode ser considerado o "primeiro cronista desportivo do mundo".

As obras de Sócrates, Platão, Aristóteles e muitos outros filósofos atestam o valor da Educação Física entre os gregos. Os escritos de Hipócrates, Galeno e Icco de Ta-



O Discóbolo de Miron, símbolo da educação física. Nela o artista busca a ação, a atitude e o gesto. Obra-prima do V século a.C. A presente gravura é uma reprodução pertencente ao Museu Nacional Romano, Coleção Lancellotti.

rento, para muitos o verdadeiro fundador da medicina desportiva, evidenciam, dentro do quadro das contribuições médico-pedagógicas, uma preocupação higiênica e terapêutica desportiva. As narrações de Heródoto, Xenofonte, Plutarco, Pausânias, Filóstrato e Luciano de Samosata são fontes preciosas para conhecimento da vida desportiva grega.

Dentre os helenos que ocuparam, a partir do século XIV a.C., o território grego e nele se estabeleceram, dois foram os troncos mais importantes — os jônios e os dórios, radicando-se os primeiros em Atenas e os últimos em Esparta. Tinham costumes diferentes; enquanto os primeiros se distinguiram pela brandura, pelo gênio artístico e pela brilhante imaginação, os dórios apresentavam acentuadas tendências guerreiras. Seus descendentes, atenienses e espartanos, foram sempre rivais. Ambos se contrastavam radicalmente e, ao mesmo tempo, se completavam no seu antagonismo.

Atenas foi o Estado do Direito, que Péricles engrandeceu com o brilho do seu gênio e grandeza de suas realizações. A educação corporal tinha lugar de destaque, adquirindo padrões de eficiência educacional, fisiológica, terapêutica, estética e moral compatíveis, dentro das limitações da época, aos progressos de conquista dos tempos atuais. Tudo era realizado, sem descuidar da preparação militar, tendo em vista a formação do cidadão integral.

Esparta, ao contrário, foi o Estado do Dever. Tudo nela visava o interesse coletivo. Os exercícios físicos tinham características guerreiras, objetivando principalmente a preparação militar, a disciplina cívica, o endurecimento do corpo e a energia física e espiritual. Homens e mulheres eram subordinados a uma preparação semelhante.

Não só Atenas e Esparta, mas toda a Grécia era um campo de práticas desportivas, bastante influenciadas pela mitologia. Os escritos em geral e os fragmentários restos da Antiguidade Grega, sobretudo os seus magníficos vasos decorados e suas admiráveis estátuas, revelam uma gama enorme e variada de atividades, acentuadamente as de caráter competitivo. Embora os exercícios fossem realizados sob múltiplos aspectos, os mais praticados diziam respeito à preparação dos atletas para os seus Grandes Jogos Olímpicos, Píticos, Nemeus e Istmicos. Não é de estranhar a importância de tais manifestações, pois o povo da Velha Grécia caracterizava-se pelo seu elevado espírito agonista. Esquilo exigia que todo grego fosse um competidor. Vivia toda a Hélade empolgada pelas disputas, em permanente festividade desportiva.

Numerosos poetas, em odes admiráveis, cantavam os Jogos. Píndaro, o maior entre os maiores, exaltou a vitória e os vitoriosos. Glorificando Hierão de Siracusa, vencedor em uma competição hípica, assim se expressou em versos:

"A água é a primeira maravilha,
E o ouro, como fogo que arde,
Brilha ativo na noite,
Mais que algum bem,
Porém, se aspiras a cantar
O minha alma, os combates,
Olha só essa estrela reluzente,
Que no espaço sereno em pleno dia,
Dá mais calor que o sol.
Nunca cantaremos uma competição de Olimpia mais excelsa".

Os Jogos Olímpicos eram os mais importantes e foram disputados 293 vezes durante quase 12 séculos (776 a.C - 393 d.C). Quando foram abolidos, com a queda do espírito grego, já estavam decadentes. O público se divertia com as lutas de colossos carregados de músculos e besuntados de gordura. Neles havia desaparecido a vitalidade e beleza dos primeiros tempos.

A celebração em honra de Zeus e outros deuses, no recinto de Olimpia, marcava a sobrevivência do paganismo, por conseguinte, oportunidade de antigas práticas, em época de progresso do cristia-

nismo. Levado por tal fato, o imperador romano Teodósio, no ano 394 d.C. pôs uma pá de cal nessas extraordinárias competições. Olímpia, que era o verdadeiro coração da Grécia, mesmo no mundo mediterrâneo, entrou em ruínas veneráveis, mas deixou para a posteridade a sua ideologia sagrada e o valor do exercício como agente da educação.

ROMA

Roma se desenvolveu numa terra onde já havia duas civilizações magníficas, a dos etruscos ao Norte, e a dos gregos ao Sul.

Da Grécia, herdou Roma a sua cultura, mas sua civilização caracterizou-se pelo seu espírito prático e utilitário.

Para a facilidade do estudo, dos exercícios físicos entre os romanos, apresentaremos o assunto, divididos em três períodos:

No primeiro período, tempo da monarquia, o exercício físico, de influência etrusca, visava somente à preparação militar. De começo, era o soldado empregado na defesa de Roma; mais tarde na conquista interna.

No segundo período, tempo dos cônsules e do início das grandes conquistas, mais se acentuou a predominância guerreira, mas da Grécia, do tempo de esplendor, fo-

ram retiradas algumas receitas de prática higiênica e desportiva.

No terceiro período, tempo do Império, por conseguinte de glória e de decadência mantiveram-se as práticas anteriores até certa época, para passarem, pouco a pouco, a um absoluto abandono, salvo quanto aos espetáculos circenses tão cruéis e sangüinários, como os seus combates de gladiadores, naumáquias (simulacros de batalhas navais) e venações. Havia também as célebres corridas de carros e exercícios de salto sobre o touro.

Sem o vigor dos escritores gregos, apareceram em Roma, sobretudo na época imperial, alguns intelectuais tratando das atividades físicas. Cumpre citar alguns: Galeano, Marcial, Propércio, Cícero, Plínio o Jovem, Virgílio, Horácio, Séneca, Dionísio de Helicarnaso e Suetônio.

Com o tempo, os romanos inspirados nos Jogos Gregos, procuraram criar os seus, sem o brilho dos helênicos devido à mentalidade do povo, orientando-os para os adestramentos militares.

Os artistas italianos sempre estiveram motivados pelos exercícios físicos, sobretudo no campo da escultura e da arquitetura. Ao lado de obras de arte, Roma conserva, até hoje, recordações de suas admiráveis instalações desportivas. As termas, o circo, o anfiteatro, e o

estádio constituíam os principais locais de prática das atividades corporais embora normalmente abastardadas nas finalidades de uma educação física racional.

Os combates de gladiadores, guardadas as proporções, eram presenciados delirantemente pelo público, como hoje, em quase todo mundo, as partidas de futebol.

Depois de largo tempo de esplendor, ao lado do surgimento de novo conceito de vida com o cristianismo, o abastardamento do povo, as lutas políticas, e as práticas sangrentas e amorais, acarretaram a decadência de Roma, completada pela invasão dos germanos.

No século II d.C. Juvenal, célebre poeta satírico insurgindo-se contra os vícios que campeavam, expressou em versos o seu desalento: "Orardum est ut sit mens sana in corpore sano". Isto é: "É preciso pedir ao céu a saúde da alma com a saúde do corpo", na tradução de Paupalaskas Ramunas, pedagogo canadense. Este aforismo, sem significação na época, está perfeitamente de acordo com a medicina psicossomática contemporânea e a ciência da personalidade.

IDADE MÉDIA

A Idade Média, repleta de ascetismo, não foi um período de completa ignorância, noite de trevas na cultura do antigo mundo europeu. Os povos, acorrentados ao regime feudal, sofreram o impacto do cristianismo, porém, nos mosteiros e universidades, frades e estudantes, ávidos de saber, comentavam as teorias de Aristóteles, continuavam enriquecendo o patrimônio dos conhecimentos e criaram a escolástica. A cultura não desapareceu tanto que nesta época floresceu a arte gótica, surgiram as primeiras universidades e viveram personalidades geniais como Pedro Abelardo, Santo Tomás de Aquino, Alberto Magno, Roger Bacon e Dante Alighiere. O Renascimento, termo mais clássico do que real, recebeu da Idade Média numerosas contribuições. Sem as fontes materiais que ela criou, teria sido muito diferente a marcha cultural do mundo. Na verdade, podemos qualificá-la como uma ponte vacilante, mas que permitiu, com segurança, a passagem entre a Antigüidade e a Idade Moderna.

Devemos considerar a Idade Média, para melhor apreciá-la, como dois largos períodos de transição; o primeiro, preso aos fatos decadentes do Império Romano, e o segundo com a volta do classicismo, prenúncios da chegada da Idade Moderna, nova reviragem na História da Civilização.



Reconstituição de um Chasqui: corredor profissional do Império Inca, empregado em revezamento, para transmitir notícias e transportar pequenos objetos. Figura muito admirada pelos conquistadores espanhóis.

O começo da época medieval foi bastante difícil, diante das constantes ameaças de povos conquistadores. Foi um período de violência e confusão, obrigando os nobres a se refugiarem em castelos fortes, ao redor dos quais se reuniam os habitantes do campo, temerosos da incursão inimiga. Os exercícios físicos, já enfraquecidos no decorrer da decadência romana, ainda mais perderam a sua importância, restando apenas uma prática deturpada e debilitada, desprovida de unidade pedagógica.

As Cruzadas, que a Igreja posteriormente organizou, durante os séculos XI, XII e XIII, exigiam preparação militar, cuja base foi constituída, sem dúvida, pelos exercícios corporais. Entre os cavaleiros, classe nobre da sociedade feudal, surgiu a instituição das Justas e Torneios, em substituição aos antigos jogos públicos da Grécia e de Roma. Tais jogos, cujo objetivo era "enobrecer o homem e fazê-lo forte e apto", foram praticados para melhor adestramento dos cavaleiros, impondo, por conseguinte, boa

prática de esgrima e equitação. Mesmo para o servo reapareceram alguns exercícios úteis à guerra, como o manejo do arco-e-flecha, a luta, a escalada, a marcha, a corrida e o salto.

Alguns jogos simples e de pelota, a caça e a pesca constituíram, ao lado dos exercícios naturais, divertimentos para todas as classes sociais. O futebol de antanho aperfeiçoado e o tênis, com os nomes de cálculo e jogo de raqueta, respectivamente, têm suas origens na Idade Média.

A justa era disputada entre dois cavaleiros, revestidos de pesadas armaduras, protegidos por escudos especiais e armados de lanças de ferro.

O torneio foi o grande desporto de equipe da época medieval, praticado com entusiasmo pelos disputantes e admirado por massa selecionada de espectadores. Os alemães dizem tê-lo inventado; o mesmo afirmam os franceses. Eles tinham aspecto coletivo, geralmente

bastante faustosos, sob a forma de combates simulados entre dois partidos. Muito sangrento nos primeiros tempos, reminiscência do circo romano, mais moderado após codificado pelo francês Geoffroi de Preully.

A cavalaria traduzia ideal novo e vida nova. O cavaleiro cultivava a verdade, a lealdade, a justiça, a cortesia, a generosidade, a proteção dos fracos e das mulheres.

Segundo Pierre de Coubertin, a "Idade Média conheceu um espírito desportivo de intensidade e brilho superiores àquele que conheceu a própria Antiguidade Grega". Havia um elevado espírito de lealdade nas peijas, que ofereciam oportunidades a lances de bravura, que valorizavam o homem, envolvendo a brutalidade da tragédia em uma aura sublime e cavalheiresca". O profissionalismo desportivo era coisa desconhecida. Para o mundo ficou a conduta cavalheiresca, sinônimo de nobreza, lealdade e distinção.

IDADE MODERNA

A tomada de Constantinopla pelos turcos, em 1453, marca simbolicamente o início dos tempos modernos. Para caracterizar os seus primórdios, do ponto de vista cultural, utilizou-se o termo Renascença quando na realidade, no dizer de Reinach, "nada morrera, porque o que está morto não evolui". Importantes acontecimentos trouxeram aprimoramento na área da educação, onde os exercícios físicos assumiram papel de alta significação. A educação física refletiu um passo seguro dado em busca do seu próprio conhecimento.

Na evolução dos acontecimentos históricos não existe solução de continuidade, tanto que, na nossa exposição, ao lado dos renascentistas dos novos tempos, vamos encontrar alguns que viveram nos últimos anos da Idade Média e outros que, surgidos mais tarde, chegaram a atuar na Idade Contemporânea.

Nos tempos medievais, depois de 1300, começou a aparecer uma civilização distinta, marcando paulatinamente, a fusão da civilização greco-romana e do cristianismo. Nasce o Humanismo, que reconcilia a educação intelectual, moral e física. Ele significa a cultura voltada para o homem, "a medida de to-

das as coisas", segundo a sabedoria grega.

Com a adoção das idéias clássicas, a partir do século XVIII, no Ocidente, manifesta-se o interesse pela vida natural e os exercícios empregados como agentes da educação, embora de uma maneira teórica e empírica. Não tendo sido criado um corpo de doutrina, não foi solucionado, objetivamente, o problema do exercício físico. Porém, os novos dados pedagógicos, fisiológicos e técnicos preconizados, lançando luzes para a questão, serviram de base, mais adiante, para o apuro e sistematização da ginástica racional. Em virtude da ligação entre o exercício natural e a cultura, pouco a pouco, começou a marcha progressista da Educação Física.

Dentre muitos, alguns pedagogos são dignos de menção.

Erasmus de Roterdã (1467-1536), expoente pré-renascentista, criticando a escolástica medieval, cooperou para a evolução da ginástica. Calvino (1508-1565), uma das figuras máximas do movimento reformista e favorável a alguns aspectos de problema pedagógico, preocupou-se também pelo incremento das práticas físicas. Ambos concorreram para marcar uma etapa cultural na existência humana.

No quadro da Educação Física, na época em estudo, alguns filósofos, pedagogos e homens de saber exerceram um papel especial. Sobre eles faremos apenas algumas referências de caráter geral, sem entrarmos no total dos seus legados. Deter-nos-emos apenas nas personalidades julgadas indispensáveis, para efeito de uma apreciação global, adequada à evolução da teorização do exercício corporal.

Na Itália, quatro figuras destacaram-se entre as demais: Vittorino de Feltre (1378-1446), Maffeo Vegio (1407-1458), Leonardo da Vinci (1452-1519) e Gerolamo Mercuriale (1530-1606), cujas obras principais ou iniciativas pedagógicas foram, respectivamente, *La Giocosa de Mantova*, *Educação da Criança*, *Estudo dos Movimentos dos Músculos e Articulações*, e *Da Arte Ginástica*. Os primeiros educadores atuaram ainda na Idade Média.

Digno de menção é também Miguel Ângelo (1475-1564), que reproduziu figuras vigorosas, atléticas mesmo, mostrando grande interesse pelo corpo.

Na obra *Da Arte Ginástica*, bastante completa do ponto de vista teórico e prático, é apresentada pela primeira vez, a idéia de lição de

ginástica, possivelmente inspirada no pentatlo grego indicado por Aristóteles como a melhor maneira de exercitação. A revista espanhola *Citius, Altius, Fortius* publicou, recentemente, essa admirável obra fundamental na História da Educação Física.

Na França, quatro educadores merecem destaque especial: Rabelais (1494-1553), Montaigne (1533-1592), Fénelon (1615-1715) e Rousseau (1712-1778). Como anteriormente, pela ordem de citação, cabe-nos ressaltar suas obras capitais: *Gargantua e Pantagruel*, *Ensaio, Educação dos Jovens e Emilio ou da Ginástica*. Todos pregaram a renovação da educação e agitaram problemas no campo do exercício físico. Muito influenciaram nas reflexões dos criadores dos métodos clássicos de educação física.

No século XVI, Rabelais, na sua notável obra acima citada, pregou a necessidade dos exercícios naturais. Amigo da natureza, rebelou-se contra o ensino escolástico e defendeu de maneira tenaz, o direito do homem viver ao ar livre e desenvolver, ao máximo, as suas qualidades físicas e espirituais. Parece ter sido o primeiro a observar, dentro da nova concepção, o realismo da existência. Ridicularizou as imposições e hipocrisias de sua época.

Montaigne, em síntese admirável, expressou o valor do exercício: "Não é bastante endurecer a alma, é preciso também enrijecer os músculos". Imaginou o entrelaçamento do espírito e do corpo.

Fénelon considerava a prática do espírito como "dever de cada indivíduo para com a pátria e das nações para o bem-estar da república universal", palavras que o Conde Baillet-Latour, sucessor de Courberlin no Comitê Olímpico Internacional (COI), aplicou na exaltação dos Jogos Olímpicos Contemporâneos.

"A natureza é boa, a civilização é má", conceito que condensa, em última análise, a filosofia de Rousseau. Até Goethe, conservador por excelência, reconheceu o caráter revolucionário e as consequências sociais do novo modo de vida imaginado por esse grande pensador.

A Inglaterra apresenta uma gama enorme de precursores: F. Bacon (1561-1623), John Locke (1632-1704), Thomas Morus (1478-1592), Mulcaster (1533-1592) e muitos outros, na quase totalidade empiristas. Do primeiro, digno de citação, é a obra *Investigação Científica*, onde afirma que somente se pode tirar conclusões em fatos recolhidos e estudados; o segundo notabilizou-se por

ter sido influenciado por Montaigne e inspirado em Rousseau; o terceiro, lembrando as doutrinas de Platão, teve ação de relevo na filosofia de sua obra *Utopia* e nas pesquisas que realizou; e o quarto pelo espírito do seu trabalho sobre *Posições*.

Na *Utopia*, Locke, pregando a vida na natureza e criticando o sistema educacional vigente, prevê a importância dos exercícios que mantêm e cultivam "a beleza, o vigor e a agilidade do corpo, os dons mais agradáveis da natureza".

Na Alemanha vamos encontrar, entre outros, Hoffmann (1660-1742). Suas idéias sobre o *Movimento Artificial e as Sete Regras da Saúde* são estudos preciosos. Muitos educadores, com nome firmado na evolução da educação física, embora atuando nos tempos modernos, serão considerados quando estudarmos a questão da sistematização da ginástica. Somos favoráveis ao início do movimento alemão com Basedow e Guts-Muths, pelo caráter pedagógico dos seus exercícios, quando para muitos são olhados apenas como precursores.

Além dos citados, seria injusto não evidenciar o espanhol Vives (1492-1540), animador dos jogos, que influenciou a obra de Mulcaster; Comenius (1592-1672), natural da Morávia, autor da *Didática Magna* e tido por alguns como o "primeiro evangelista da pedagogia moderna"; Pestalozzi (1746-1827), teólogo e pedagogo suíço, a quem se deve os trabalhos *Leonardo e Gertrudes* e *Como Gertrudes Educa os seus Filhos*.

Os ensinamentos de Pestalozzi constituíram extraordinária tentativa de pedagogia experimental, estabelecendo a unidade e a harmonia do corpo, do espírito e da alma. Ele mostrou, de maneira expressiva, que o espírito de educação deve ser o mesmo em todas as circunstâncias. Sua trajetória na vida, no dizer de alguém, foi um rastro luminoso de saber e de devotado amor à Humanidade. Dizem que foi o primeiro educador a chamar a atenção para os dois elementos fundamentais da execução dos exercícios; a posição e a execução perfeita, sem os quais os praticantes não alcançam os objetivos visados.

Todos os precursores ressaltados, por meio de suas contribuições, teóricas e práticas, muito influenciaram na ação educacional, que proporcionou o grande movimento de sistematização da ginástica. ■